



**ESTRUTURALISTA, PÓS-ESTRUTURALISTA OU PÓS-MODERNO? APROPRIAÇÕES DO
PENSAMENTO DE MICHEL FOUCAULT POR PESQUISADORES DA ÁREA DE
ADMINISTRAÇÃO NO BRASIL**

*STRUCTURALIST, POST-STRUCTURALIST OR POST-MODERNIST? THE USES OF MICHEL
FOUCAULT BY BRAZILIAN MANAGEMENT RESEARCHES*

ESTRUTURALISTA, POST-ESTRUTURALISTA O POSMODERNO? APROPIACIÓN DEL
PENSAMIENTO DE MICHEL FOUCAULT POR INVESTIGADORES DEL ÁREA DE
ADMINISTRACIÓN EN BRASIL

Alessandra de Sá Mello Costa
alessandra.costa@iag.puc-rio.br
FGV

Sylvia Constant Vergara
sylvia.vergara@fgv.br
FGV

ESTRUTURALISTA, PÓS-ESTRUTURALISTA OU PÓS-MODERNO? APROPRIAÇÕES DO PENSAMENTO DE MICHEL FOUCAULT POR PESQUISADORES DA ÁREA DE ADMINISTRAÇÃO NO BRASIL

Resumo

A presente pesquisa, exploratória, busca identificar como pesquisadores da área de administração no Brasil apropriam-se epistemologicamente do pensamento de Michel Foucault. Estruturalista? Pós-Estruturalista? Pós-Moderno? Foram pesquisados 41 artigos publicados nos últimos dez anos nos anais de dois dos mais representativos encontros científicos da academia de administração no Brasil (EnANPAD e EnEO) que referenciavam Michel Foucault no título ou no escopo do resumo. Após a identificação dos artigos, estes foram lidos e analisados de forma a identificar como Michel Foucault é categorizado por cada um dos pesquisadores em questão. Os resultados obtidos pela pesquisa revelam que as questões epistemológicas ainda não fazem parte do corpo de preocupações de grande parte dos pesquisadores brasileiros na área de administração. Tal ausência apresenta-se, ao mesmo tempo, significativa e preocupante. Significativa, porque mostra que os pesquisadores não estão preocupados com o contexto teórico de produção e disseminação das ideias, incorporando-as como verdades em suas pesquisas de forma descontextualizada e acrítica. E preocupante, uma vez que a luta por poder no campo das ideias não significa apenas um embate em torno dos melhores postos acadêmicos, posições institucionais e governamentais de financiamento ou um lugar de destaque nos comitês editoriais dos periódicos mais influentes. O perigo reside em uma dimensão complementar e inerente a essa: é por meio da confrontação das ideias que se decide o que vai ser lido, como vai ser lido e por quem. Ou seja, os teóricos organizacionais encontram-se, na atualidade, em uma posição histórica em que as certezas ideológicas estão sendo questionadas por meio de debates sobre a natureza da organização e os meios intelectuais mais adequados ao seu estudo. Neste contexto, não se preocupar com questões epistemológicas é prescindir de participar dos polêmicos, controversos e - por isso mesmo - enriquecedores debates políticos acerca das formas possíveis de se produzir conhecimento na área de administração. E abrir mão de questionar projetos políticos pedagógicos diferenciados e articulados com a realidade profissional com implicações para toda a sociedade é, nos próprios termos foucaultianos, se inserir como pesquisador de forma alienada na contemporaneidade.

Palavras-chave

Estruturalismo; Estudos Organizacionais Brasileiros.

Abstract

This exploratory research seeks to identify how management researchers in Brazil are epistemologically using the thought of Michel Foucault: structuralist, post-structuralist or post-modernist? The methodological procedures were divided into two parts. First, we surveyed 41 articles published in the last ten years in the annals of two of the most representative scientific management meetings in Brazil: The Annual Meeting of ANPAD (EnANPAD) and the Meeting of Organizational Studies (EnEO).

Secondly, the articles were read and analyzed to identify how Michel Foucault is categorized by each one of the researchers in question. The results obtained in this research suggest that epistemological questions are not yet part of the body of concerns of most Brazilian researchers in the area of administration. This result can be considered - at the same time - as meaningful and troublesome. Meaningful because it shows that the researchers are not concerned about the theoretical context of production and dissemination of ideas. And troublesome since the struggle for power in the realm of ideas is not only a clash around the top academic posts, around the institutional and government fundings or a prominent place in the editorial boards of the most influential journals. More than that, the danger resides in one complementary dimension: it is through the confrontation of ideas that is decided what will be read, as will be read and by whom. In this context, do not worry about epistemological issues is dispensed to participate in controversial and - for that very reason - enriching political discussions about possible ways to produce knowledge in the area of administration. And forgo questioning different pedagogical and political projects is, in Foucault own terms, enter as a alienated researcher in contemporaneity.

Keywords

Epistemology; Methodology; Michel Foucault; Organizational Studies

Resumen

Esta investigación exploratoria trata de identificar cómo investigadores del área de administración en Brasil se adueñan epistemológicamente del pensamiento de Michel Foucault. Estructuralista? Post-estructuralista? Postmoderno? Se analizaron 41 artículos publicados en los últimos diez años en los anales de dos de las reuniones científicas más representativas de la Academia de Administración en Brasil (EnANPAD y ENEO) que referenciaban

Michel Foucault en el título o en el resumen. Después de la identificación de los artículos, estos fueron leídos y analizados para identificar cómo Michel Foucault, es clasificado por cada uno de los investigadores en cuestión. Los resultados obtenidos revelan que las cuestiones epistemológicas aún no son parte del conjunto de preocupaciones de la mayoría de los investigadores brasileños en el área de administración. Esta ausencia se presenta al mismo tiempo, significativa y preocupante. Significativa porque muestra que los investigadores no están preocupados con el contexto teórico de la producción y difusión de las ideas, incorporando estas como verdades en sus investigaciones, de forma descontextualizada y acritica. Y preocupante, ya que la lucha por el poder en el campo de las ideas no significa solamente un enfrentamiento en torno a las mejores posiciones académicas, posiciones institucionales y gubernamentales de financiamiento o un lugar prominente en los consejos editoriales de las revistas más influyentes. El peligro está en una dimensión complementaria e inherente a esta: es a través de la confrontación de ideas que se decide lo que va a ser leído, como se lee y por quién. Es decir, los teóricos organizacionales se encuentran, en la actualidad, en una posición histórica en la que las certezas ideológicas están siendo cuestionadas a través de los debates sobre la naturaleza de la organización e los medios intelectuales más apropiados para su estudio. En este contexto, no se preocupar en las cuestiones epistemológicas es prescindir de participar en los polémicos, controvertidos y – por la misma razón – enriquecedores debates políticos acerca de las formas posibles de producir conocimiento en el área de administración. Y renunciar a cuestionar proyectos político pedagógicos diferenciados y articulados con la realidad profesional con implicaciones para la sociedad es, en términos del propio Foucault, se implantar como investigador en de forma alienada en la contemporaneidad.

Palabras-clave

Estructuralismo; Estudios Organizacionales Brasileños

Introdução

A presente pesquisa, exploratória, busca identificar como pesquisadores da área de administração no Brasil apropriam-se epistemologicamente do pensamento de Michel Foucault a partir de três diferentes abordagens, quais sejam: estruturalistas, pós-estruturalistas e pós-modernistas.

Entende-se epistemologia neste trabalho como sendo o discurso sistemático sobre a ciência que encontra na filosofia seus princípios e na ciência o seu objeto, ou seja, “o estudo metódico e reflexivo do saber, de sua organização, de sua formação, de seu desenvolvimento, do seu funcionamento e de seus produtos intelectuais” (JAPIASSU, 1992, p.16). Pensar epistemologia como discurso adquire relevância uma vez que as diferentes abordagens epistemológicas, isto é, os diferentes discursos, podem encaminhar e dirigir os pesquisadores a diferentes posicionamentos e formas de agir no mundo real. A constituição do discurso – neste caso do discurso sobre a ciência - contribui para a produção, transformação e reprodução dos objetos e sujeitos sociais, assumindo uma relação ativa com a realidade (BOJE, OSWICK e FORD, 2004). O discurso, alerta Fairclough (2001), apresenta-se como uma prática de significação do mundo, não apenas de sua representação.

Na exposição de suas reflexões, Japiassu (1992, p.38), enfatiza que qualquer definição de epistemologia “não pode e nem pretende impor dogmas aos cientistas (...) não pretende ser um sistema, a priori, dogmático, ditando autoritariamente o que deveria ser o conhecimento científico”. O trabalho da epistemologia “não começa apenas quando a ciência já se encontra constituída, mas se manifesta no decorrer mesmo do processo de construção das teorias científicas (...) na prática científica” (JAPIASSU, 1981, p.3). É neste sentido que o discurso científico pode ser compreendido como um modo de prática política e ideológica, que ao mesmo tempo: (a) estabelece, mantém e transforma as relações de poder e as entidades coletivas (as científicas e acadêmicas, por exemplo) que as materializam; e (b) constitui, naturaliza, mantém e transforma os significados do mundo de posições diversas nas relações de poder.

Assumindo que o discurso não é apenas o que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo pelo que se luta (FOUCAULT, 2007) e que nenhuma linguagem é neutra e que determinados usos da linguagem e de outras formas simbólicas são ideológicos, ou seja, estabelecem e mantêm, em circunstâncias específicas, relações de poder e dominação, a identificação da busca de posicionamentos por parte dos pesquisadores e acadêmicos talvez jogue um pouco de luz às inquietações de Japiassu (1992): De que fazemos a epistemologia? Quem vai fazê-la? Por que se faz epistemologia? Como ela é feita?

A justificativa do estudo aqui apresentado deve-se a crescente utilização de Michel Foucault como arcabouço teórico pela área de administração, em geral, e pela área de estudos organizacionais, em particular. Tal movimento talvez possa ser entendido como resultado da convergência de três singularidades contemporâneas. Para Silveira (2005), as duas primeiras singularidades são tanto a abertura da área para perspectivas epistemológicas diferentes (ou alternativas) ao funcionalismo positivista, quanto o crescimento da área de estudos críticos em administração, em especial os estudos relacionados com a Labor Process Theory. Uma terceira singularidade, a ser acrescentada às duas anteriores, relaciona-se ao próprio desenvolvimento – não contínuo e não homogêneo - das ideias de Foucault ao longo do tempo, o que permite uma multiplicidade de leituras e apropriações epistemo-metodológicas.

No entanto, exatamente por permitir múltiplos enfoques, categorizar Foucault é uma tarefa complexa: ora ele é considerado estruturalista (DOSSE, 2007a; ROUDINESCO, 2007; THIRY-CHERQUES, 2008) ora pós-estruturalista (GIDDENS, 1999; HUYSSSEN, 1991; JAMESON, 1991) ou ainda pós-moderno (COOPER e BURRELL, 2007). Como o consenso parece não existir, investigar como os pesquisadores brasileiros lidam com esta multiplicidade nos permite perceber alguns indícios do quanto questões epistemológicas são consideradas importantes no dia a dia do fazer ciência.

De forma alcançar o objetivo proposto, este artigo está organizado em seis seções. Após esta introdução, busca-se nas duas seções subseqüentes a discussão teórica acerca das aproximações e afastamentos entre as três abordagens escolhidas: estruturalista, pós-estruturalista e pós-modernista. Em seguida, são explicitados os procedimentos metodológicos da pesquisa levada a efeito. Na quinta seção, problematizamos as três abordagens por meio do pensamento de Michel Foucault e das apropriações deste por parte dos pesquisadores brasileiros da área de administração. A sexta e última seção apresenta ao leitor as conclusões a que o estudo permitiu chegar.

Estruturalismo e Pós-Estruturalismo

Apesar da dificuldade inerente a toda tentativa de constituir um corpo de pensamento coeso (ou homogeneidade teórica) que possa ser categorizado como uma abordagem epistemológica, o estruturalismo pode ser entendido como um movimento de pensamento - uma forma de relacionamento com o mundo - mais amplo do que apenas um método específico.

Como argumenta Thiry-Cherques (2008), existem muitos estruturalismos. De forma complementar, Dosse (2007a) nos mostra que, no campo das ciências sociais, esta abordagem adquiriu diferentes configurações, o que permite a identificação de um estruturalismo científico (Claude Levi-Strauss, Algirdas-Julien Greimas, Jacques Lacan); um estruturalismo semiológico (Roland Barthes, Gerard Genette, Tzvetan Todorov, Michel Serres); e de um estruturalismo historicizado ou epistêmico (Louis Althusser, Pierre Bourdieu, Michel Foucault, Jacques Derrida, Jean-Pierre Vernant).

Dosse (2007a) considera que este movimento possui dois momentos distintos: (a) um primeiro momento que conhece o seu apogeu nos anos 1950 e 1960 na França e que vai até cerca de 1966 – período que Jameson (1991) chama de alto estruturalismo – no qual ocorre a construção de um programa de certa forma mais unitário com inspiração na lingüística de Ferdinand de Saussure (que influencia o período); e (b) um segundo momento, após 1968, de desconstrução progressiva de seus pressupostos com o início das críticas metodológicas e epistemológicas e das tomadas de posição de distanciamento em relação ao estruturalismo (DOSSE, 2007a).

De qualquer forma, o pano de fundo contextual do estruturalismo pode ser caracterizado como composto por um pensamento de desconfiança tanto em relação à idéia de que o discurso mascara a realidade quanto em relação a um profundo pessimismo e uma atitude de crítica da modernidade ocidental. Como destaca Paula (2008), o estruturalismo rivaliza com a tradição de pensamento existencialista, rejeita a noção sartreana de liberdade e concentra-se no modo pelo qual o comportamento humano é determinado pelas estruturas culturais, sociais e psicológicas.

Ao mesmo tempo, o estruturalismo é marcado por uma série de acontecimentos, tais como: (a) a ascensão das ciências humanas e sua reivindicação por um espaço institucional; (b) a experiência da Segunda Guerra Mundial e a dificuldade de considerar com otimismo uma história ocidental; (c) o processo de emancipação e de independência das colônias européias; e (d) as revelações sobre o marxismo real nos países comunistasⁱ, como, por exemplo, as revelações dos crimes de Joseph Stalin pelo novo Secretário Geral Nikita Khrutchev durante o 20º Congresso do PCUS e a invasão soviética da Hungria, ambos no ano de 1956 (JAMESON, 1991).

No que se refere às suas ideias centrais, quatro pontos destacam-se como mais significativos no universo estruturalista. Primeiro, a opção pela escolha do signoⁱⁱ, tal como entendido por Saussure, em contraposição à escolha do sentido. Assume-se que o objetivo das ciências humanas é estudar os sistemas formaisⁱⁱⁱ, o que implica considerar que um signo não tira sua significação de sua relação com o objeto que ele representa, mas de sua oposição aos outros signos. A arbitrariedade do signo, no entanto, não quer dizer que o significado depende da escolha de quem fala, pelo contrário, "(...) o significante é imotivado, isto é, arbitrário em relação ao significado, com o qual não tem nenhum laço natural na realidade" (SAUSSURE, 2009, p.95). Isto é, o signo exclui o referente (condições de aparecimento e significação) e tanto o sujeito quanto a consciência cedem lugar à regra, ao código e à estrutura.

Segundo, para os estruturalistas, um conhecimento só se reveste de interesse se for inspirado no modelo da ciência ou de lograr transformar-se em ciência. Essa ideia vai abrir espaço para um cientificismo e para amplas discussões e reflexões epistemológicas criando um terreno fértil para a reflexão, por exemplo, sobre objetos de estudo das disciplinas e validade dos conceitos. Segundo Hall (1990), o discurso científico em si é visto como um sistema padronizado e a própria ideia de ciência é ordenada por padrões sociais, culturais ou cognitivos fundamentais extrínsecos a ela, ou seja, a ciência se torna um entre vários símbolos de estruturas, universos de discursos ou jogos de linguagem, não contaminados pelo mundo ingenuamente observado.

O terceiro ponto relevante do universo estruturalista refere-se à análise das dimensões sincrônicas dos fenômenos (os estruturalistas não trabalham com relações consideradas particulares e históricas) e a busca de invariantes que possam explicar universais nas práticas sociais. Em consonância com a lingüística estrutural, a língua é entendida como um fenômeno social cujas regras se constituem à revelia do sujeito que delas faz uso, sendo considerada como o mecanismo científico - por excelência - de inteligibilidade, uma vez que se apresenta, nos termos de Dosse (2007a, p. 69) como a "encarnação da invariante que permite encontrar, sob as palavras, a permanência dos conceitos".

Como último ponto, pode-se ressaltar a questão do sujeito ausente. Para os estruturalistas, a ciência pressupõe a eliminação do específico, o que leva a adoção de certos determinismos sociais e à eliminação da percepção consciente do sujeito. É com base nessa argumentação que os pensadores estruturalistas conseguem atingir um nível de realidade que não é imediatamente visível, ou seja, como Dosse (2007a, p. 12) destaca, "o inconsciente estrutural em Jacques Lacan, a estrutura narrativa profunda em Greimas, a 'fórmula canônica' dos mitos em Levi-Strauss, a 'episteme' em Michel Foucault".

No que concerne ao pós-estruturalismo, ele pode ter uma multiplicidade de possibilidades de leituras (PAULA, MARANHÃO e BARROS, 2009) e não existe um consenso acerca de quem são os representantes tanto do movimento estruturalista quanto do pós-estruturalista. Esta

dificuldade pode ser identificada, por exemplo, ao listarmos as categorizações de Anthony Giddens, François Dosse e Ana Paula Paes de Paula. Para Giddens (1999), Saussure e Levi-Strauss são representantes do estruturalismo e Barthes, Foucault, Lacan, Althusser e Derrida são representantes do pós-estruturalismo. Ao mesmo tempo, no entender de Dosse (2007a), autores franceses pós-estruturalistas são: Jean-François Lyotard, Michel Serres, Jacques Derrida, Jean-Pierre Dupuy, Bruno Latour. E, segundo Paula (2008), podem ser exemplos de representantes da primeira geração de pós-estruturalistas: Jacques Derrida, Julia Kristeva, Jean-François Lyotard, Gilles Deleuze, Jean Baudrillard.

No entanto, de forma bastante geral, o pós-estruturalismo pode ser entendido como um movimento filosófico que procura romper com o estruturalismo, mas que ainda mantém, com este, alguns pontos em comum. Como destacam Souza, Souza e Silva (2011, p.4) “ o pós-estruturalismo emerge dentro do estruturalismo e, assim sendo, tais semelhanças não são meros acasos”.

Para Giddens (1999), algumas características consideradas mais persistentes do estruturalismo e do pós-estruturalismo podem ser identificadas, quais sejam: (a) a lingüística é de importância fundamental; (b) a ênfase na natureza relacional das totalidades; (c) o caráter arbitrário do signo; (d) a primazia do significante sobre o significado; (e) a descentralização do sujeito; (f) a preocupação especial com a natureza da escrita – com o material textual; (g) o interesse no aspecto temporal como algo constitutivo e integrante da natureza dos objetos e eventos; e (h) o questionamento da noção de sujeito do pensamento humanista renascentista que aponta o sujeito como um ser autônomo, livre e auto-consciente, fonte de todo conhecimento e da ação moral e política. Assim, da mesma forma que o estruturalismo, o pós-estruturalismo promove, no entender de Paula (2008, p. 25), “um enérgico ataque aos pressupostos universalistas da racionalidade, da autonomia e da auto-presença subjacentes ao sujeito humanista (...) também enfatiza o inconsciente e as estruturas ou forças sócio-históricas subjacentes que constroem e governam o comportamento humano”.

A despeito das características comuns apontadas por Giddens (1999), algumas diferenças entre as duas abordagens podem e devem ser identificadas. Para Dosse (2007a), as novas orientações emergentes chamadas de pós-estruturalistas, podem ser entendidas como traço de uma geração fortemente marcada pelos acontecimentos de maio de 1968, que propunham a reavaliação do lugar social do sujeito e da prática social por meio de um pensamento que valorizava a ação. Esta reorientação intelectual pode ser entendida como uma nova mudança paradigmática, marcada pela incorporação do tema da historicidade que passa a ocupar o lugar o qual antes era da estrutura. Não se trata, portanto, de um retorno do sujeito, simplesmente. Trata-se, como Dosse (2007a) destaca, de uma reorientação da pesquisa para o estudo da consciência problematizada. A identidade histórica, então, é colocada no centro das interrogações.

Essa primeira diferença significativa diz respeito à tentativa dos pós-estruturalistas em resgatar a história. Este movimento de trazer para o nível de análise os contextos históricos não quer dizer que ocorre, de fato, um questionamento profundo da própria noção de estrutura. Sob um outro aspecto, identifica-se a atribuição de certa importância aos processos de transformação, descontinuidade e repetição das estruturas.

Ao mesmo tempo, como uma segunda diferença, os autores pós-estruturalistas iniciam questionamentos acerca do cientificismo das ciências humanas, o que vai de encontro à

capacidade transformativa do método científico que o estruturalismo havia retomado do positivismo e, como alerta Paula (2008, p. 25),

“colocando em dúvida a pretensão estruturalista de identificar estruturas universais comuns a todas as culturas e à mente humana (...) [e desenvolvendo] uma série de métodos e abordagens como a arqueologia, a genealogia e a desconstrução, que se recusam a ver o conhecimento e a verdade como representações precisas da realidade”.

Por último, uma terceira diferença diz respeito à ênfase que o pós-estruturalismo atribui ao questionamento das grandes narrativas, focalizando as pesquisas e análise nas multiplicidades, localidades e fragmentações, como Paula (2008, p.26) lembra, “que enfatizam a subjetividade como um processo e a morte do sujeito autônomo e criador de significados, uma vez que o discurso ganha centralidade e o entendimento convencional das pessoas é substituído pela produção discursiva”.

É em relação a estes últimos pontos que o pós-estruturalismo aproxima-se do pós-modernismo. Se, como argumenta Hall (1990), o pensamento pós-moderno muitas vezes é descrito e ou confundido com o pensamento “pós-estruturalista”, isto ocorre porque ambos criticam o caráter abstrato e a-histórico do estruturalismo que não resolve o problema do significado e das questões relacionadas à ação e entendem o discurso como algo problemático a ser investigado. Neste último ponto, como destaca Harvey (2010, p.49), ambos atacam as noções de metalinguagem, metanarrativa ou metateoria, isto é, “as verdades eternas e universais”.

O Pós-Modernismo

A pós-modernidade pode ser entendida nos termos de Vieira e Caldas (2007, p. 299), como um “conjunto particular de eventos e condições que caracterizariam o final do século XX e início do século XXI e que um grupo de filósofos e cientistas sociais entendeu constituir uma ruptura em relação à era moderna”. De acordo com Hollanda (1991, p.7), “é raro uma expressão causar tanto desconforto quanto o termo pós-moderno”. Este desconforto não existe apenas no âmbito acadêmico, mas já transbordou para o senso comum atrelado às ideias negativas e pessimistas de ‘fim da ideologia’, ‘fim da história’, ‘cultura de consumo’ e ‘amnésia histórica’.

Para Vieira (2005, p.8), do ponto de vista ontológico, não existem evidências suficientes para categorizar o mundo como pós-moderno, no entanto, do ponto de vista epistemológico, “o pós-modernismo e não a pós-modernidade, tem muito a contribuir”. Esta contribuição ancora-se em suas características de “movimento teórico multidisciplinar que vai da filosofia à estética, envolvendo as artes e a sociologia e chegando ao campo dos estudos organizacionais” (VIEIRA e CALDAS, 2007, p.299), cujo ponto de convergência é a crítica à modernidade. Assim, este desconstrói os mitos modernos questionando o papel do Iluminismo como construtor de identidade cultural no ocidente e o problema da totalidade e do totalitarismo na epistemologia e na teoria política moderna.

No que diz respeito a uma possível agenda teórica pós-moderna, esta pode ser pensada a partir de um grupo de questões que giram em torno: (a) da perda da credibilidade nas metanarrativas fundadoras; (b) do processo de erosão e desintegração de categorias até então inquestionáveis; (c) de caminhos críticos apontados pela revalorização da história; e (d) do

exame das ideologias que estruturam as formações discursivas e os processos de construção das subjetividades (HARVEY, 2010; HOLLANDA, 1991).

Na área de estudos organizacionais, o pós-modernismo não adquiriu, ainda, um status de consenso. Segundo Cooper e Burrell (2007, p.312), pode-se identificar um debate entre o que eles chamam de duas posições epistemológicas em conflito: o modernismo, com sua crença na capacidade essencial da humanidade de buscar sua perfeição pelo poder de seu pensamento racional, e o pós-modernismo, com seu questionamento crítico e muitas vezes total rejeição do racionalismo etnocêntrico propugnado pelo modernismo.

Para os pós-modernistas, a crença na razão e no projeto iluminista – de que a humanidade, por meio da razão e do progresso poderia aperfeiçoar a si mesma - não faz mais sentido no mundo de hoje. Este posicionamento de rompimento com preceitos importantes da modernidade desdobra-se em dois pontos importantes. Por um lado, assume-se, como destacam Vieira e Caldas (2007, p. 300), que “a racionalidade é muito mais difusa do que o iluminismo supunha, e que o conhecimento apenas pode ser entendido à luz do tempo, espaço e contexto social em que é construído por indivíduos e grupos”. Por outro lado, e de forma concomitante, o pós-modernismo, como afirmam Cooper e Burrell (2007, p. 315), “retira o agente humano de seu pedestal de ‘racionalidade’ narcisística à que ele se auto-elevou e mostra-lhe que ele é essencialmente um observador-comunidade que constrói interpretações do mundo que não têm qualquer status absoluto ou universal”.

No que diz respeito à dicotomia modernidade/pós-modernidade, cabe destacar que existem teóricos sociais que não concordam com este posicionamento e não consideram a pós-modernidade como uma ruptura com a modernidade e sim um estágio tardio desta, como é o caso Anthony Giddens, Jürgen Habermas e Zigmund Bauman. Huysen (1991, p.54), por exemplo, ilustra essa questão com uma fala de Habermas quando este argumenta que “Auschwitz, afinal, não resultou do excesso de razão iluminista – embora tenha sido organizado como uma fábrica de morte perfeitamente racionalizada – mas antes de um violento impulso antiiluminista e antimodernista que se valeu cruelmente da modernidade para seus propósitos”.

De forma geral, Vieira e Caldas (2007, p.300) elencam alguns dos principais elementos constitutivos do pós-modernismo, que são: (a) a globalização; (b) o relativismo e o pluralismo (caracterizados pela dissipação da objetividade e da racionalidade, tidas como tipicamente modernas); (c) a ‘espetacularização’ da sociedade (marcada pela centralidade da mídia e da imagem); (d) a cultura de massa; (e) a normalização da mudança pela perpetuação de tudo como volátil e transitório; (f) o papel do indivíduo na sociedade primordialmente como consumidor; (g) a ‘comoditização’ do conhecimento; e (h) relevância do discurso, do relativismo, da personalização e das relações de poder na ‘construção’ da verdade e do conhecimento.

No que diz respeito à relação entre pós-estruturalismo e pós-modernismo, cabe destacar que, como já foi dito, embora possam ser identificadas convergências epistemológicas, “são dois movimentos independentes e que possuem raízes filosóficas e intenções diferentes” (PAULA, 2008, p.22). Esta diferenciação adquire importância uma vez que, como argumenta Huysen (1991, p.25), no começo dos anos 1980, “a constelação modernismo/pós-modernismo nas artes e a constelação modernidade/pós-modernidade na teoria social tinham se transformado em um dos mais disputados campos da vida intelectual das sociedades modernas”. Esse

campo disputado é ainda mais visível nos Estados Unidos desde os anos 1970 e neste processo adquire contornos políticos onde:

“a hostilidade implacável dos neoconservadores em relação ao pós-estruturalismo e ao pós-modernismo (...) a desconstrução, a crítica feminista e a crítica marxista são postas no mesmo saco como alienígenas indesejáveis e responsabilizadas por subverter a vida intelectual norte-americana pela via acadêmica”(HUYSSSEN, 1991, p.57).

No entanto, esta hostilidade não é suficiente para que se estabeleça, de forma consubstanciada, um vínculo epistemológico entre ambas as abordagens. Esta aproximação confusa é problematizada por Huyssen (1991) que insiste na ausência de identificação entre os dois fenômenos, ressaltando de forma contundente que, ao invés de se afastar, o pós-estruturalismo aproxima-se do modernismo:

“afirmo que o pós-estruturalismo é principalmente um discurso do e sobre o modernismo e que, se queremos localizar o pós-moderno no pós-estruturalismo teremos que buscá-lo na maneira como várias formas do pós-estruturalismo tem apontado para novas problemáticas no modernismo e tem reinscrito este último nas formações discursivas da nossa própria época^{iv}” (HUYSSSEN, 1991, p.60).

De forma complementar, Vieira e Caldas (2007), afirmam que, no âmbito da teoria das organizações, o pós-modernismo chega tanto por meio de teóricos europeus vindos da tradição pós-estruturalista quanto por críticos da tradição positivista em sociologia e em estudos organizacionais. Estes teóricos – os pioneiros pós-modernistas inspirados nos trabalhos de Jacques Derrida, Jean-François Lyotard e Michel Foucault - eram radicalmente opostos ao racionalismo etnocêntrico dos modernos e ao positivismo da teoria social hegemônica dos teóricos estruturalistas. Assim, como lembra Silveira (2005), pesquisadores como Gibson Burrell e John Hassard (Reino Unido), e Marta Calas e Linda Smircich (Estados Unidos) foram os iniciais disseminadores das ideias e pressupostos pós-modernos na área de estudos organizacionais.

Hoje, quatro vertentes teóricas parecem ser as principais quando o tema é pós-modernismo em análise organizacional: (a) teorias feministas e de gênero pós-estruturalistas; (b) análises pós-colonialistas; (c) teoria actor network (teoria da translação); e (d) análise desconstrutiva de discursos e narrativas sobre conhecimento. Estas vertentes teóricas fazem uso de um conjunto de metodologias desconstrutivas, de análise de discursos e narrativas e de inspiração pós-estruturalistas, como por exemplo, análises genealógicas e historiográficas inspiradas no trabalho de Foucault.

O Pensamento de Michel Foucault

“(...) Talvez eu seja mais o coroinha do estruturalismo. Digamos que sacudi a sineta, os fies se ajoelharam, os incrédulos gritaram (...) O que tratei de fazer foi introduzir as análises de estilo estruturalista em domínios onde eles não haviam penetrado até o presente, quer dizer, no domínio da história das ideias, da história do conhecimento,

da história da teoria. Nesse sentido, fui levado a analisar em termos de estrutura o nascimento do próprio estruturalismo” (Foucault, [1967], 2008, p.57).

“Nunca fui freudiano, nunca fui marxista e jamais fui estruturalista” (Foucault, [1983], 2008, p.307).

As contradições que aparecem nestes dois pequenos extratos nos indicam as dificuldades inerentes ao processo de categorização do pensamento e das ideias de um determinado pensador. No entanto, são essas dificuldades que nos permitem perceber a riqueza das aproximações e dos afastamentos das três abordagens epistemológicas enunciadas anteriormente. E ninguém melhor do que Foucault para problematizar essa questão.

Com fortes vínculos nos três núcleos da inteligência francesa – universidade, meio jornalístico e meio editorial - Foucault é um dos autores mais influentes (VEYNE, 2011), tanto no que diz respeito às concordâncias quanto às divergências acerca de seus pressupostos (ROUDINESCO, 2007), em várias áreas, como psicologia, história, estudos de linguagem, direito e administração. Nesta última, a influência cresce a cada dia o que nos mostra a atualidade e a relevância dos seus pressupostos para um melhor entendimento analítico das organizações contemporâneas. De forma mais específica, também é um dos autores mais resgatados na área de estudos organizacionais quando a temática envolve a crítica à produção e reprodução de discursos e as relações de poder inerentes a estas práticas sociais (SILVEIRA, 2005).

Como argumenta Silveira (2005), pode-se assumir que o marco inicial de utilização do arcabouço teórico de Foucault na área de organizações foi o texto de Gibson Burrell “modernismo, post-modernism and organization analysis 2: the contribution of Michel Foucault” publicado na revista *Organization Studies* em 1988. Ainda conforme Silveira (2005), duas seriam as principais condições que tornaram possível a utilização de Foucault: (a) a abertura de perspectivas diferentes e alternativas ao modelo funcionalista para a análise organizacional; e (b) o desenvolvimento de vertentes críticas como a análise organizacional pós-moderna, a renovação do debate na labor process theory (LPT)^v; e as análises

Os principais pressupostos do pensamento de Foucault são interligados mas não lineares^{vi}, como muitos analistas de Foucault podem sugerir quando elaboram uma fictícia linha de tempo. Os pressupostos podem ser categorizados em oito pontos centrais. O primeiro deles é a morte do homem. Neste sentido, a função do filósofo passa a ser a de acabar com os privilégios concedidos ao cogito, isto é, ao sujeito como consciência e substância. Nos termos de Dosse (2007, p.426),

“é manifestamente essa morte do homem que fascina a época, e numerosos são aqueles que se comprimem atrás do cortejo fúnebre (...) as negações sucessivas do sujeito na lingüística saussuriana, na antropologia estrutural e na psicanálise lacaniana acabam de encontrar em Foucault aquele que reinstala no próprio âmago da história cultural ocidental essa figura como ausência”.

A ausência do sujeito. O sujeito como uma função vazia. A rarefação dos sujeitos que falam. Essas ideias interligam-se corroborando a eliminação do sujeito como fonte geradora de significados, pelo contrário, como lembrado por Brandão (2004, p.35), o sujeito é um “espaço a ser preenchido por diferentes indivíduos que o ocuparão ao formularem um enunciado (...)

Para Foucault, o sujeito do enunciado não é causa, origem ou ponto de partida do fenômeno de articulação escrita ou oral de um enunciado e nem a fonte ordenadora, móvel e constante, das operações de significação que os enunciados viriam manifestar na superfície do discurso”.

Segundo, em consonância com o estruturalismo^{vii}, Foucault busca um cientificismo e procura se instalar no núcleo das ciências sociais para subvertê-las desde o seu interior. Este pressuposto vincula-se a outros dois: a rejeição radical do humanismo e a rejeição à história e ao historicismo^{viii} (pelo menos em um primeiro momento). Quando Foucault se aproxima dos novos historiadores dos *Annales*, estes o consideram como aquele que está em condições de conceitualizar suas práticas. No entanto, como chama a atenção Dosse (2007b, p.295), esta constitui efetivamente “uma adesão enganosa, pois o olhar de Foucault é o do filósofo que, filiado a Nietzsche e a Heidegger, decide desconstruir o território do historiador (...) é a esfera discursiva que interessa a Foucault e não o referente, que continua sendo o objeto privilegiado do historiador”. Para Veyne (2011, p. 35), estes historiadores já utilizavam seus próprios métodos e não estavam abertos às novas ideias e questionamentos de um filósofo cujas obras “compreendiam mal e que eram, de fato, ainda mais difíceis para eles do que para outros leitores, pois só podiam lê-las relativamente à sua própria grade metodológica”.

Terceiro, como Foucault se propõe a analisar a história científica e a desconstrução das disciplinas estabelecidas a partir das ideias de Nietzsche, Dosse (2007a p.429) destaca que o “homem-sujeito de sua história, atuante, consciente de sua ação, desaparece (...) dissipado pelo estudo dos múltiplos condicionamentos que ele sofre”. Neste sentido, o homem não é considerado histórico e a questão do tempo lhe é exterior. Argumenta Dosse (2007a, p.431) “o homem está submetido, portanto, a temporalidades múltiplas que lhe escapam, não podendo nesse quadro ser sujeito, mas somente objeto de puros eventos exteriores a ele”.

Ao mesmo tempo, como quarto pressuposto, Foucault investe contra o historicismo – entendendo a história como totalidade ou como referente contínuo – e não assumindo mais esta como um processo evolutivo nos moldes da biologia ou do progresso ético-moral. Ao contrário, a busca de Foucault é pela história como análise das discontinuidades e das múltiplas transformações em curso: a singularidade e a originalidade de uma formação histórica (VEYNE, 2011). Como argumenta Dosse (2007a), a subversão da continuidade histórica apresenta-se como o corolário necessário da descentralização do sujeito uma vez que considera a unidade temporal como ficção, que não obedece à nenhuma necessidade o que faz com que a história seja apenas um registro do aleatório, da contingência, ao mesmo tempo incontornável e insignificante.

Um quinto ponto é a sua postura – propriamente estruturalista – de ênfase na esfera discursiva. Essa valorização afirma a autonomia do discurso em relação ao referente, tornando possível por meio de análises sincrônicas, a identificação de coerências significantes entre discursos que, na aparência, não tem relações entre si, apenas simultaneidade. E é exatamente por isso que, conforme argumenta Orlandi (2001, p.25), “toda leitura precisa de um artefato teórico para que se efetue: Althusser escreve sobre a leitura de Marx, Lacan propõe uma leitura de Freud que é um aprofundamento na filiação da Psicanálise, Barthes considera a leitura como escritura, Foucault propõe a sua arqueologia. A leitura mostra-se como não transparente, articulando-se em dispositivos teóricos”. Este é o seu posicionamento no que se refere à sua arqueologia das ciências humanas onde busca, conforme Dosse (2007a, p.433), “reconstituir a maneira como surge uma nova configuração do saber a partir de um método, o mais estruturalista no percurso de Foucault, que leva de uma episteme a outra, de um tecido discursivo a outro, num desenvolvimento em que as palavras remetem para outras palavras”.

Um sexto ponto diz respeito ao relativismo presente em suas análises. Para Foucault, não existem verdades que possam ser procuradas nas etapas constitutivas do saber; apenas existem – e podem ser identificados – discursos historicamente localizáveis: “entendo por verdade o conjunto de procedimentos que permitem a cada instante e a cada um pronunciar enunciados que serão considerados verdadeiros” (FOUCAULT, 2006a, p.233). As falsas generalidades e os discursos, conforme Veyne (2011, p.25), “variam ao longo do tempo; mas a cada época eles passam por verdadeiros”. É neste sentido que a verdade passa a ser um dizer verdadeiro, aceito e admitido como verdadeiro em uma determinada formação histórica uma vez que “o passado antigo e recente da humanidade não passa de um vasto cemitério de grandes verdades mortas” (VEYNE, 2011, p.25).

Cabe lembrar que este é o momento em que este escreve a *Arqueologia do Saber* e que, de acordo com alguns autores, pode-se já identificar indícios de rompimento com os pressupostos estruturalistas. Seria o início da passagem de um momento para o outro, no qual, como lembrado por Dosse (2007b, p. 293), “a ruptura essencial com o estruturalismo situa-se, com efeito, nessa nova afirmação segundo a qual as relações discursivas não são internas ao discurso”.

A partir de 1966, esse rompimento é aprofundado em função da aproximação de Foucault com os historiadores da Escola dos *Annales*, aproximação esta que permite a superação da dicotomia método estrutural e devir histórico. Para este, a nova história pode ser compreendida como o espaço privilegiado de um estruturalismo aberto e historicizado (que os norte-americanos chamarão de pós-estruturalismo). No entanto, deve-se ressaltar as continuidades entre “As palavras e as coisas” e “A arqueologia do saber”, uma vez que a abordagem estruturalista pode ser identificada em ambas. Ou seja, no final dos anos 1960, assegura Dosse (2007b, p. 300):

“Foucault permanece, portanto, dentro de uma concepção estruturalista baseada no corte primordial entre a língua e seu referente; compartilha, ademais, com o estruturalismo a idéia de uma prevalência concedida ao discurso, (...) evitando remeter ao contexto circunstancial em que o discurso se desenrola. (...) [e] não crê na significância dos atos de linguagem e na referência a um sujeito”.

Enfim, mesmo em um contexto de crise do paradigma estrutural (após 1968) e buscando meios de se desprender de seus pressupostos mais antigos, Foucault mantém suas posições anti-humanistas e continua perseguindo o objetivo de descentralizar o homem, o autor, o sujeito e inseri-lo em regularidades discursivas. Por exemplo, pode-se perceber no conceito de poder uma categoria estruturalista que pode ser entendido como um processo de ontologizar algo não redutível a uma realidade empírica, uma vez que este, conforme assevera Dosse (2007b, p. 307) “não está mais na dependência da verdade, é a verdade que se encontra sob o domínio do poder, que ocupa o lugar de uma categoria fundadora e não pode, portanto, ter sujeito (...) o poder é uma relação, não é uma coisa”.

Um sétimo ponto relevante é a sua crítica à modernidade, entendida por meio da contestação de uma visão progressista da história que identifica no iluminismo a liberdade e a emancipação dos indivíduos. Ao contrário, para Foucault, o que existe são ideias camufladas – e inseridas em uma sociedade repressiva – de progressivo controle dos corpos por meio das práticas disciplinares e dispositivos de submissão. Dosse (2007b, p.316) destaca: “por trás da liberdade,

a grande reclusão; por trás da igualdade, a escravidão do corpo; por trás da fraternidade, a exclusão (...) É uma visão sombria da história a que nos oferece Foucault, uma crítica radical à modernidade”.

Um último pressuposto que merece destaque diz respeito à problematização do sujeito e pode ser contextualizada em fins dos anos 1970 e início dos anos 1980, no momento em que Foucault passava a dedicar-se politicamente ao tema dos direitos humanos. Os movimentos de 1968 já haviam deslocado o foco de análise de Foucault da análise das epistemes para as práticas discursivas. Agora, de acordo com Dosse (2007b, p.417), “a atualidade o incita a problematizar o que tinha até então contornado e menosprezado, ao ponto de o fazer desaparecer do seu campo filosófico: o sujeito”.

Segundo Dosse (2007b), essa mudança de olhar pode ser percebida nos títulos de seus cursos no Collège de France: Subjetividade e Verdade (1980-1981); Hermenêutica do Sujeito (1982) e O governo de si e dos outros (1982-1983). Assim, Foucault abandona a perspectiva do biopoder (vinculada à idéia de um sujeito submetido às diversas modalidades do poder), substituindo-a pela problematização do sujeito primeiro no âmbito de um pensamento da governabilidade, depois no âmbito do governo de si mesmo.

Procedimentos Metodológicos

A questão norteadora desta pesquisa foi: Como os pesquisadores brasileiros resgatam e utilizam o arcabouço teórico de Michel Foucault? Ou seja, como assumem epistemologicamente as premissas de um autor que, como argumenta Veyne (2011, p.17), “jamais expôs integralmente sua doutrina” e quando discute alguns dos seus fundamentos, não o faz em suas principais obras? Buscou-se essa resposta com os procedimentos metodológicos a seguir explicitados.

Os procedimentos metodológicos de investigação das categorizações epistemológicas acerca do pensamento de Michel Foucault feitas por pesquisadores da área de administração no Brasil foram divididos em dois momentos.

Em um primeiro momento, foram pesquisados os artigos publicados nos últimos dez anos nos anais de dois dos mais representativos encontros científicos da academia de administração no Brasil: o Encontro Nacional da ANPAD (EnANPAD), encontro anual, e o Encontro de Estudos Organizacionais (EnEO), que ocorre de dois em dois anos. A pesquisa foi feita nos artigos que referenciavam Michel Foucault tanto no título quanto no escopo do resumo. No que diz respeito ao número de ocorrências encontradas, os resultados obtidos totalizaram 41 artigos, conforme quadro 1:

Quadro 1 - Número de ocorrências de apropriação do pensamento de Michel Foucault.

	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
EnANPAD	0	0	0	1	3	3	3	3	5	4	7
EnEO	1		1		0		0		4		6
Total	1	0	1	1	3	3	3	3	9	4	13
Total geral	41										

Em um segundo momento, após a identificação dos artigos, estes foram lidos e analisados de forma a identificar como Michel Foucault foi categorizado por cada um dos pesquisadores em relação às abordagens (a) estruturalistas; (b) pós-estruturalistas; e (c) pós-modernistas. Na

presente pesquisa, somente foi possível de proceder a esta identificação em seis dos 41 artigos: cinco o categorizaram como pós-estruturalista e apenas um artigo o categorizou como pós-modernista, conforme mostra o quadro 2:

Quadro 2: Categorizações do pensamento de Michel Foucault

	Estruturalista	Pós-Estruturalista	Pós-modernista	Outras categorias	Não abordam a questão
EnANPAD		4	1		24
EnEO		1			11

Cabe ressaltar que não foi o objetivo desta análise estabelecer qual seria o enquadramento epistemológico mais correto e ou mais adequado. Pelo contrário, em um contexto onde o próprio autor busca constantemente livrar-se de rótulos e mal-entendidos (FOUCAULT, 2006b), a intenção desta pesquisa inicial é tão somente identificar como este pensamento é apropriado. A discussão acerca destes resultados será feita na seção seguinte.

Discussão e considerações finais

Acredita-se que uma primeira explicação para os resultados encontrados seja a de que alguns artigos categorizam epistemologicamente Foucault a partir de seus dois métodos mais conhecidos – o arqueológico e o genealógico – considerando-os como modos de análise, como nos mostra os dois trechos a seguir:

“(...) Essa nova posição epistemológica de um modo genealógico de análise mostra como o poder pode intervir nas organizações, quer para sustentar ou para prejudicar o conhecimento positivo” (BUSANELI e SCHLICKMANN, 2010, p.13).

“Essa base epistemológica foucaultiana pode ser dividida em duas fases distintas, porém complementares (...) Trata-se da arqueologia e da genealogia” (ANDRADE et al., 2008, p.1).

Por meio deste procedimento, o método descola-se dos seus fundamentos epistemológicos e passa a ser utilizado como ferramenta para análise do fenômeno observado.

Por outro lado, uma explicação complementar pode ser a de que a grande parte dos artigos – especialmente os artigos de pesquisadores de fora da área de Estudos Organizacionais - faz uso do pensamento de Foucault para analisar de forma considerada ‘mais crítica’ seus temas específicos de interesse:

“Observa-se que esta perspectiva de Foucault oferece uma gama de pressupostos importantes para entender como as práticas de contabilidade gerencial são exercidas nas organizações (...) Além do caráter disciplinar e punitivo (...) a Contabilidade Gerencial é usada como mecanismo de segurança capaz de regular, criar padrões de comportamento e conduta, normatizar e aumentar a produtividade dos membros de uma organização, visando a manutenção do controle e do poder sobre este grupo social” (BARBOSA e SANTOS, 2009, p.12).

“Esta pesquisa abordou o tema ética profissional do contabilista fundamentando-se nas ideias de Michel Foucault sobre a prática da Parrhesia na Grécia antiga. Teve como objetivo principal conhecer como os contadores brasileiros praticam a Parrhesia de forma a identificar as características da atividade de falar a verdade que são percebidas por eles na prática profissional” (ANTUNES et al., 2010).

Os conceitos mais famosos do autor são resgatados sem, no entanto, serem contextualizados epistemologicamente. Neste sentido, as diferentes visões de mundo de Foucault e seus diálogos com as abordagens (a) estruturalista; (b) pós-estruturalista; e (c) pós-modernista são evitados ou simplesmente ignorados. No entanto, agrupar em um mesmo arcabouço teórico os diferentes (e às vezes contraditórios) conceitos foucaultianos de forma indiscriminada pode gerar, no entanto, alguns problemas, como no caso de análises que privilegiam questões relacionadas com o sujeito (como gestão e subjetividade, liderança, criatividade e inovação) e usam conceitos que necessitam de respaldo teórico nos preceitos estruturalistas de Foucault de ausência do sujeito.

O caso do conceito de poder, neste sentido, apresenta-se paradigmático e em consonância com alguns resultados obtidos pela pesquisa de Silveira (2005) acerca da utilização de Foucault em artigos publicados nos principais periódicos em língua inglesa na área de administração. Este pesquisador identificou uma centralização na questão do poder, concomitantemente com uma parcela significativa de autores que – de forma a construir o seu quadro conceitual para análise do objeto que pretendem analisar - constroem de forma meio aleatória um mosaico de suas ideias.

Nesta pesquisa exploratória, pode-se identificar a predominância da discussão acerca do poder nos artigos pesquisados por meio das mais diferentes apropriações. Esta é questão é recorrente e aparece em todos os textos analisados, vinculando-se a outros temas dentro da área da administração, como por exemplo: liderança (AMORIM; MARTINS, 2007; WEBER; GRISCI, 2008); empregabilidade (LEMONS; RODRIGUEZ, 2008); criatividade e inovação (AMORIM; FREDERICO, 2008); gestão por competências (DINIZ; VIEIRA, 2008); marketing social (MENDES, 2009); contabilidade gerencial (BARBOSA; SANTOS, 2009); organizações militares (ROSA; BRITO, 2007); consultorias empresariais (ANDRADE et alii, 2008); ética (MENDES; ICHIKAWA, 2010); identidade organizacional (MASCARENHAS, 2010); entre outros. Entretanto, os desdobramentos dos preceitos teóricos de Foucault quando esta temática é resgatada não são considerados em toda a sua potencialidade, como é o caso da discussão acerca da resistência, das dimensões dos micropoderes e dos estados de dominação.

Encaminhando a argumentação para o seu final, o presente artigo buscou identificar como pesquisadores da área de administração no Brasil apropriam-se epistemologicamente do pensamento de Michel Foucault. Os resultados obtidos na pesquisa levam a crer que as questões epistemológicas ainda não fazem parte do corpo de preocupações de grande parte dos pesquisadores brasileiros na área de administração. Tal ausência apresenta-se, ao mesmo tempo, significativa e preocupante.

Significativa, porque mostra que os pesquisadores brasileiros não estão preocupados com o contexto teórico de produção e disseminação das ideias, incorporando-as como verdades em suas pesquisas de forma talvez ingênua, mas, por certo, descontextualizada e acrítica. Em cada época, diz Veyne (2011, p.25), os indivíduos aprisionam-se em discursos “como em aquários

falsamente transparentes; e ignoram que aquários são esses e até mesmo o fato de que há um”. No entanto, as disputas acerca das possíveis leituras epistemológicas, como nos mostrou Japiassu (1992), podem expressar as recorrentes disputas pelo poder no campo das ideias e desvelar essa falsa transparência. Isto é, os diferentes discursos apresentam-se permeados de opções ideológicas e posicionamentos políticos uma vez que a constituição discursiva da sociedade provém de práticas sociais contextualizadas. Ser indiferente a este processo diz muito a respeito da prática acadêmica no Brasil.

E preocupante, uma vez que a luta por poder no campo das ideias não significa apenas um embate em torno dos melhores postos acadêmicos, posições institucionais e governamentais de financiamento ou um lugar de destaque nos comitês editoriais dos periódicos mais influentes. O perigo reside em uma dimensão complementar e inerente a essa: é por meio da confrontação das ideias que se decide o que vai ser lido, como vai ser lido e por quem. Ou seja, os teóricos organizacionais encontram-se, na atualidade, em uma posição histórica em que as certezas ideológicas estão sendo questionadas por meio de debates sobre a natureza da organização e os meios intelectuais mais adequados ao seu estudo.

Neste contexto, não se preocupar com questões epistemológicas é prescindir de participar dos polêmicos, controversos e - por isso mesmo - enriquecedores debates políticos acerca das formas possíveis de se produzir conhecimento na área de administração. E para Foucault (2006c, p.111), esse é o ponto mais crucial da nossa existência: “a essência de nossa vida é feita, afinal, do funcionamento político da sociedade na qual nos encontramos”. E abrir mão de questionar projetos políticos pedagógicos diferenciados e articulados com a realidade profissional com implicações para toda a sociedade é, nos próprios termos foucaultianos, se inserir como pesquisador de forma alienada na contemporaneidade.

Referências

AMORIM, M.C.S.; MARTINS, R. H. P. Poder e liderança, as contribuições de Maquiavel Gramsci, Hayek e Foucault. In: Encontro da Associação Nacional de Pós Graduação e Pesquisa em Administração. 31., 2007, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro, 2007.

AMORIM, M.C.S.; FREDERICO, R. WEBER, L.; GRISCI, C. L. I. Criatividade, inovação e controle nas organizações. In: Encontro da Associação Nacional de Pós Graduação e Pesquisa em Administração. 32., 2008, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro, 2008.

ANTUNES, M. T. P.; MENDONÇA NETO, O. R.; YAYLA, H. E.; OKIMURA, R. T. Análise do comportamento ético dos profissionais da contabilidade no Brasil por meio da Truth-Telling-Activity (Parrhesia). In: Encontro da Associação Nacional de Pós Graduação e Pesquisa em Administração. 34., 2010, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro, 2010.

ANDRADE *et al.* A genealogia das consultorias empresariais: o caso do projeto liderança. In: Encontro da Associação Nacional de Pós Graduação e Pesquisa em Administração. 32., 2008, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro, 2008.

BARBOSA, R.V.N.; SANTOS, R. P. Contabilidade gerencial, ciclo de vida e poder: à Luz da biopolítica de Foucault. In: Encontro da Associação Nacional de Pós Graduação e Pesquisa em Administração. 33., 2009, São Paulo. **Anais...** Rio de Janeiro, 2009.

BRANDÃO, H. H. N. **Introdução à análise do discurso**. São Paulo: Unicamp, 2004.

BOJE, D. M.; OSWICK, C.; FORD, J.D. Language and organization: the doing of discourse. **Academy of Management Review**. v.29, n.4, 2004. p.571-577.

BUSANELI, E. C.; SCHILICKMANN, R. Contribuições do critical management studies (CMS) para a epistemologia da administração. In: Encontro de Estudos Organizacionais. 6., 2010, Florianópolis. **Anais...** Rio de Janeiro, 2010.

COOPER, R.; BURRELL, G. Modernismo, pós-modernismo e análise organizacional: uma introdução. In: CALDAS, M. P.; BERTERO, C. O. (Coords). **Teoria das Organizações**. São Paulo: Atlas. 2007.

DINIZ, P. A.; VIEIRA, A. O Controle e o exercício de poder na gestão por competências: um olhar Foucaultiano In: Encontro da Associação Nacional de Pós Graduação e Pesquisa em Administração. 32., 2008, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro, 2008..

DOSSE, F. **A História do estruturalismo**. Santa Catarina: EDUSC, 2007. v. 1.

_____. **A História do estruturalismo**. Santa Catarina: EDUSC, 2007. v.2.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Brasília: UnB, 2001.

FOUCAULT, M. **Poder e saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

_____. **Conversação com michel Foucault**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

_____. **Da natureza humana: Justiça contra Poder**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

_____. **A Filosofia estruturalista permite diagnosticar o que é a realidade?** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

_____. **Estruturalismo e pós estruturalismo**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

_____. **A Ordem do discurso**. 15. ed. São Paulo: Loyola, 2007.

GIDDENS, A. Estruturalismo, pós-estruturalismo e a produção da cultura. In: GIDDENS, A. TURNER, J. **Teoria Social Hoje**. São Paulo: UNESP, 1999.

HALL, J. R. Epistemology and sociohistorical inquiry. **Annual Review of Sociology**, v. 16, 1990. p. 329-351.

HARVEY, D. **A Condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 2010.

HOLLANDA, H. B. Políticas da teoria. In: **Pós-modernismo e política**. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.

HUYSEN, A. Mapeando o pós-moderno. In: **Pós-modernismo e política**. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.

JAMESON, F. Periodizando os anos 60. In: **Pós-modernismo e política**. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.

JAPIASSU, H. **Questões epistemológicas**. Rio de Janeiro: Imago, 1981.

_____. **Introdução ao pensamento sociológico**. 7. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.

LEMONS, A. H. C.; RODRIGUEZ, D. A. empregabilidade: conquista da autonomia profissional ou nova forma de submissão? In: Encontro de Estudos Organizacionais. 5., 2008, Belo Horizonte. **Anais...** Rio de Janeiro, 2008.

MASCARENHAS, L. As Contribuições de Michel Foucault para a análise da ética nas organizações. In: Encontro Nacional de Estudos Organizacionais. 6., 2010, Florianópolis. **Anais...** Rio de Janeiro, 2010.

MENDES, L. A gênese do marketing social nas ideias de biopolítica e biopoder de Michel Foucault: considerações críticas. In: Encontro da Associação Nacional de Pós Graduação e Pesquisa em Administração. 33., 2009, São Paulo. **Anais...** Rio de Janeiro, 2009.

MENDES, L.; ICHIKAWA, E. Y. Identidade organizacional, no limiar entre indivíduo que produz e sujeito trabalhador. In: Encontro Nacional de Estudos Organizacionais. 6., 2010, Florianópolis. **Anais...** Rio de Janeiro, 2010.

ORLANDI, E P. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2001.

PAULA, A.P.P. **Teoria crítica nas organizações**. São Paulo: Thompson, 2008.

_____.; MARANHÃO, C.M.S.A.; BARROS, A.N. Pluralismo, pós-estruturalismo e "gerencialismo engajado": os limites do movimento critical management studies. Rio de Janeiro, **Cadernos EBAPE.BR**. v.7, n. 3, set. 2009.

ROSA, A. R.; BRITO, M.J. Corpo e alma nas organizações: um estudo sobre dominação e construção social dos corpos na organização militar. In: Encontro da Associação Nacional de Pós Graduação e Pesquisa em Administração. 31., 2007, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro, 2007.

ROUDINESCO, E. **Filósofos na tormenta**: Canguilhem, Sartre, Foucault, Althusser, Deleuze e Derrida. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

SAUSSURE, F. Curso de linguística Geral. IN: MARCONDES, Danilo. **Textos básicos de linguagem**: de Platão a Foucault. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

SILVEIRA, R.A. **Michel Foucault**: poder e análise das organizações. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

SOUZA, E.M.; SOUZA, S.P.; SILVA, A.R.L. O pós-estruturalismo e os ECG: da busca pela emancipação à constituição do sujeito. In: Encontro da Associação Nacional de Pós Graduação e Pesquisa em Administração. 35., 2011, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro, 2011.

THIRY-CHERQUES, H. R. **Métodos estruturalistas**: pesquisa em ciências de gestão. São Paulo: Atlas, 2008.

VEYNE, P. **Foucault**: Seu pensamento, sua pessoa. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

VIEIRA, M. M. F. Por uma boa pesquisa (qualitativa) em administração. In: Vieira, M.M.F.; Zouain, D. (orgs) **Pesquisa qualitativa em administração**. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

VIEIRA, M.M.F.; CALDAS, M. P. Teoria crítica e pós-modernismo: principais alternativas à hegemonia funcionalista. In: CALDAS, M. P.; BERTERO, C. O. (Coords). **Teoria das Organizações**. São Paulo: Atlas, 2007.

WEBER, L.; GRISCI, C. L. I. Trabalho, gestão e subjetividade: dilemas de chefias intermediárias em contexto hospitalar. In: Encontro da Associação Nacional de Pós Graduação e Pesquisa em Administração. 32., 2008, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro, 2008.

Notas

ⁱ Segundo Dosse (2007a, p.219) “A ideologia comunista vem esbarrar na realidade histórica, e o que se oferecia como a esperança de amanhãs harmoniosos deixa transparecer o horror da lógica iníqua de um poder totalitário”.

ⁱⁱ Para Saussure, o signo é entendido como a soma do significado com o significante, sendo o significante caracterizado como uma imagem acústica (ou a impressão psíquica do som) e o significado como a representação mental de um objeto ou da realidade social vinculada à específica formação sócio-cultural.

ⁱⁱⁱ Segundo Dosse (2007a, p.12), a apropriação desta idéia da teoria linguística de Saussure por outras disciplinas “colocará em primeiro plano o estudo das formas e das relações, excluindo o das substâncias e das qualidades: oposições binárias, em Claude Levi-Strauss, quadrado semiótico, em Algirdas Julien Greimas, jogos de língua, em Jacques Lacan”.

^{iv} Segundo Huysen (1991, p.62), “Não há dúvida de que o papel central na teoria crítica continua sendo dos modernistas clássicos: Flaubert, Proust e Bataille em Barthes; Nietzsche, Magritte e Bataille em Foucault, Mallarmé e Lautréamont, Joyce e Artaud em Kristeva; Freud em Lacan; Brecht em Althusser e Macherey, e assim por diante (...)”.

^v Segundo Silveira (2005, p.24), “o artigo de Knights e Willmott (1989) [Power and Subjectivity at work: from degradation to subjugation in social relations. *Sociology*, 123(4), 1989] realizou uma ruptura epistemológica nas discussões da LPT e criou uma nova corrente de estudos que tem Foucault como fonte principal (...) a chamada Manchester School of Foucauldian Labour Process Theory”.

^{vi} Em uma tentativa de buscar linearidade em seus pensamentos, usualmente os seus analistas elaboram uma fictícia linha do tempo em consonância com as suas ideias de Arqueologia, Genealogia e Ética. Esta não é a opção deste trabalho.

^{vii} Michel Foucault era filósofo e o seu vínculo com o movimento estruturalista inicia-se por meio da influência e do contato com Georges Dumezil e Georges Canguilhem, o que faz com que – mesmo se distanciando mais tarde do chamado “rótulo” estruturalista – situa-se no centro do fenômeno (ROUDINESCO, 2007).

^{viii} Entretanto, cabe ressaltar que, apesar de investir contra, Foucault não se furta à historicidade, mas apenas a ela recorre para localizar as discontinuidades, as fraturas que promovem cortes sincrônicos coerentes com suas pesquisas.

Alessandra de Sá Mello Costa

Doutora em Administração pela EBAPE - Fundação Getúlio Vargas (2010). Professora Assistente da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Endereço: Departamento de Administração IAG. Rua Marquês de São Vicente, 225, Gávea, cep: 22451-900 - Rio de Janeiro, RJ - Brasil. E-mail: alessandra.costa@iag.puc-rio.br.

Sylvia Constant Vergara

Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro-UFRJ (1988). Professora Titular da Fundação Getúlio Vargas. Endereço: Praia de Botafogo, n.190, sala 533, Botafogo, cep: 22258-900 - Rio de Janeiro, RJ – Brasil. E-mail: sylvia.vergara@fgv.br.